

A VACINAÇÃO NO BRASIL: SUA EFICÁCIA E OS IMPACTOS DO MOVIMENTO ANTIVACINA

VACCINATION IN BRAZIL: ITS EFFECTIVENESS AND THE IMPACTS OF THE ANTI-VACCINE MOVEMENT

Aluna Daiane Terezinha Zappe. Centro Universitário SOCIESC de São Bento do Sul.
E-mail: daiazappe22@gmail.com

Prof. Mestre. Cristoph Enns. Centro Universitário SOCIESC de São Bento do Sul.
E-mail: cristoph.enns@unisociesc.com.br

Resumo:

A primeira vacina foi descoberta por Edward Jenner em 1796, após 20 anos de estudos e experimentos com a varíola bovina, dando origem aos termos vaccine e vaccination (derivados do termo latino vacca)¹. Na Inglaterra do século XVIII, a varíola era responsável por cerca de 10% dos óbitos totais e um terço das mortes era registrado entre as crianças. Classificada como uma das doenças mais devastadoras da história da humanidade, a varíola foi considerada erradicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1980, após realização de um programa de vacinação em massa de ordem mundial. Apesar da notória relevância na erradicação ou controle de diversas doenças infectocontagiosas, as vacinas estão frequentemente relacionadas a questionamentos e críticas sobre efeitos adversos. Também já estiveram envolvidos em alguns eventos trágicos da indústria farmacêutica². O maior deles ocorreu em 1955, após falha no processo de fabricação da vacina contra a poliomielite baseada em vírus inativados. Outros episódios foram registrados envolvendo componentes específicos das vacinas BCG (Bacillus Calmette-Guérin), tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola), rotavírus, poliomielite oral e pertussis celular. Em virtude de tais eventos, esforços foram investidos para garantir maior segurança na fabricação e uso de vacinas e solucionaram definitivamente problemas como aqueles mencionados acima. A formulação baseada em vírus inativado (conhecida por Salk ou VIP) é atualmente administrada em crianças de até quatro meses. Por conter vírus mortos, evitam os efeitos adversos graves observados com a formulação com vírus atenuado (VOP)³. Outro exemplo é a vacina contra a coqueluche (presente na vacina dTpa – difteria, tétano e pertussis acelular), que sofreu modificações para substituir a vacina pertussis celular, relacionada a eventos adversos graves na década de 1970. A criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI), em 1973, por determinação do Ministério da Saúde representou um avanço de grande importância para a saúde pública no Brasil. Atualmente, 19 vacinas recomendadas pela OMS são oferecidas gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS) e beneficiam todas as faixas etárias, seguindo um calendário nacional de vacinação. Com o objetivo de coordenar as ações de imunização, o programa garantiu a continuidade de aplicação de doses (cumprimento do cronograma) e ampliou a área de cobertura vacinal no Brasil, alcançando médias superiores a 95% de cobertura vacinal para o calendário infantil.⁴ Alguns resultados importantes do controle da Covid-19, poliomielite e da transmissão sustentada do sarampo e da rubéola no país. A vacinação no Brasil é uma ferramenta importante para a saúde pública, com um histórico comprovado de grandes sucessos na prevenção de doenças. Mas os desafios impostos pelo movimento antivacina exigem ações, conscientização e políticas de saúde para proteger a saúde da população brasileira e garantir que a vacinação seja de extrema importância.

Palavras-chave: Vacinas; Recusa de Vacinação; Movimento contra Vacinação; Impactos da vacinação .

Abstract

The first vaccine was discovered by Edward Jenner in 1796, after 20 years of studies and experiments with cowpox, giving rise to the terms vaccine and vaccination (derived from the Latin term vacca)¹. In 18th century England, smallpox was responsible for around 10% of total deaths and a third of deaths were recorded among children. Classified as one of the most devastating diseases in the history of humanity, smallpox was considered eradicated by the World Health Organization (WHO) in 1980, after carrying out a world-class mass vaccination program. Despite their notorious relevance in the eradication or control of various infectious diseases, vaccines are often related to questions and criticisms about adverse effects. They have also been involved in some tragic events in the pharmaceutical industry ². The largest of these occurred in 1955, after a failure in the manufacturing process of the polio vaccine based on inactivated viruses. Other episodes were recorded involving specific components of the BCG (Bacillus Calmette-Guérin), MMR (measles, mumps and rubella), rotavirus, oral polio and cellular pertussis vaccines. Due to such events, efforts were invested to ensure greater safety in the manufacture and use of vaccines and definitively resolved problems such as those mentioned above. The formulation based on inactivated virus (known as Salk or VIP) is currently administered to children up to four months old. As they contain dead viruses, they avoid the serious adverse effects observed with the formulation with attenuated virus (VOP)³. Another example is the pertussis vaccine (present in the Tdap vaccine – diphtheria, tetanus and acellular pertussis), which underwent modifications to replace the cellular pertussis vaccine, linked to serious adverse events in the 1970s. The creation of the National Immunization Program (PNI), in 1973, by determination of the Ministry of Health represented an advance of great importance for public health in Brazil. Currently, 19 vaccines recommended by the WHO are offered free of charge in the Unified Health System (SUS) and benefit all age groups, following a national vaccination calendar. With the aim of coordinating immunization actions, the program guaranteed the continuity of dose application (compliance with the schedule) and expanded the area of vaccination coverage in Brazil, reaching averages above 95% vaccination coverage for the children's calendar.⁴ Some important results from the control of Covid-19, polio and the sustained transmission of measles and rubella in the country. Vaccination in Brazil is an important tool for public health, with a proven track record of great success in disease prevention. But the challenges posed by the anti-vaccine movement require actions, awareness and health policies to protect the health of the Brazilian population and ensure that vaccination is extremely important.

Keywords: Vaccines; Refusal of Vaccination; Movement against Vaccination; Impacts of vaccination.

1. MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura com abordagem qualitativa. Foram utilizados estudos obtidos através das seguintes bases: Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS); Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Eletronic Library Online*

(SCIELO) Foram combinados como descritores as expressões seguintes: “Vacinas”, “Recusa de Vacinação”, “Movimento contra Vacinação”, “Doenças Preveníveis por Vacina”.

Foram selecionados textos publicados até 2022, em português e que verssem sobre o tema proposto. Foram excluídos materiais publicados antes de 1984, que não apresentaram ligação com o tema ou que não estivessem em língua portuguesa. Após a seleção dos documentos que atendiam os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, foram selecionados alguns estudos considerados pertinentes para a presente pesquisa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 01 apresenta o quadro dessa revisão referentes aos artigos, sendo eles categorizados por: autor, ano, título, método, conclusão e revista. Com relação ao título dos artigos, 100% contemplavam a temática da revisão e permeiam os descritores selecionados. Quanto aos objetivos indicados pelos autores, 66,6% dos estudos abordam a importância de adesão às campanhas vacinais e os perigos da não adesão à imunização. Relativo à abordagem observa-se que 77,3% se tratava de pesquisa de campo qualitativa, um único artigo 6,7% abrange pesquisa de campo quantitativa e 20% estudos de revisão.

Quadro 1 – Distribuição dos artigos de acordo com os autores, ano de publicação, título, método, conclusão e revista.

Autor	Ano	Título	Método	Conclusão	Revista
Silvia Lúcia Ferreira.	1984	Crenças das mães em relação à vacinação.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Identificar a importância das variáveis do modelo de crenças em saúde no comportamento das mães que iniciam a vacinação básica dos filhos.	Revista Brasileira de Entomologia.
Antônio Augusto Moura da Silva; Uilho Antônio Gomes; Sueli Rosina Tonial; Raimundo Antonio da Silva.	1999	Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não-vacinação em localidade urbana do nordeste brasileiro, 1994.	Pesquisa de Campo Qualitativa	A identificação da cobertura vacinal e dos fatores responsáveis pelo retardo ou falta de imunizações para a adequada monitorização dos programas de vacinação; Identificar e vacinar crianças não imunizadas adequadamente.	Revista de Saúde Pública.

Zélia Maria de Sousa; Araújo Santos; Vera Lígia Montenegro Albuquerque; Francisco Hadson Sidor Sampaio.	2004	Vacinação – o que o usuário sabe?	Pesquisa de Campo Quantitativ o.	A identificação do conhecimento do usuário sobre vacinação.	Revista Brasileira em Promoção da Saúde.
Pâmera Cristal Fontes Santos; Anna Klara Bohland; Antonio Carvalho Paixão.	2009	Oportunidades perdidas de vacinação em hospital de referência pediátrica, em Aracaju (SE), BR.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Descrever a situação vacinal em crianças de até 12 anos, atendidas em um hospital público de referência estadual de Aracaju (Sergipe) segundo características epidemiológicas, bem como determinar as principais causas e a taxa de oportunidade perdidas de vacinação (OPV).	Revista de APS - Atenção Primária à Saúde.
Priscila Maria Stolses Bergamo Francisco; Marilisa Berti de Azevedo Barros; Maria Rita Donalisio Cordeiro.	2011	Vacinação contra influenza em idosos: prevalência, fatores associados e motivos da não- adesão em campinas, São Paulo, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Avaliar a prevalência de vacinação contra influenza em idosos, identificar os fatores associados e motivos da não- adesão à imunização.	Cadernos de Saúde Pública.
Leiliane Bezerra Santos; Cristina Costa Melquíades Barreto; Francisca Lívia Sepúlveda Silva; Kamila Cristiane de Oliveira Silva.	2011	Percepção das mães quanto à importância da imunização infantil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	A percepção das mães sobre a importância da imunização.	Revista RENE, Fortaleza.
Ludmila Mourão Xavier Gomes; Kátia Ribeiro Antunes; Thiago Luís Andrade Barbosa; Carla Silvana Oliveira Silva.	2012	Motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a influenza sazonal.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Compreender os motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a Influenza sazonal.	Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online.
Catrine de Jesus Sousa; Zaira de Lima Vigo; Cátia Suely Palmeira.	2012	Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	A compreensão pelos pais/responsáveis da importância da vacinação infantil é fundamental para a adesão ao esquema vacinal completo.	Revista Enfermagem Contemporânea.

Bárbara Fernanda Barroso Pereira; Magda Aparecida Santos Martins; Thiago Luis de Andrade Barbosa; Carla Silvana Oliveira e Silva; Ludmila Mourão Xavier Gomes.	2013	Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Compreender os motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra a Influenza A.	Ciência & Saúde Coletiva.
Marcia Thereza Couto; Carolina Luisa Alves Barbieri.	2015	Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Analisar a dimensão do cuidado parental e suas relações ao decidir (não) vacinar os filhos no contexto de famílias de alta renda e escolaridade.	Ciência & Saúde Coletiva.
Roudom Ferreira Moura; Fabíola Bof de Andrade; Yeda Aparecida Oliveira Duarte; Maria Lúcia Lebrão; José Leopoldo Ferreira Antunes.	2015	Fatores associados à adesão à vacinação anti- influenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil.	Revisão.	Estimar a cobertura vacinal contra a influenza em idosos e identificar os fatores associados à adesão à vacinação.	Cadernos de Saúde Pública.
Natalie Vieira Zaninia; Bianca Stawinski Pradoa; Rafael de Castro Hendgesa; Carolina Arnaut dos Santosa; Fernanda Vieira; Rodovalho Callegarib; Marcelo Picinin Bernucia.	2017	Motivos para recusa da vacina contra o papilomavírus humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR.	Pesquisa de Campo Qualitativa	Identificar o nível de conhecimento das adolescentes acerca do vírus e da vacina; Descrever os motivos pelos quais elas não se vacinaram.	Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.
Carolina Luisa Alves Barbieri; Márcia Thereza Couto; Fernando Mussa Abujamra Aith.	2017	A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil.	Pesquisa de Campo Qualitativa	País que tomam decisões distintas perante a vacinação do filho significam as normas de vacinação do país por meio de suas vivências.	Cadernos de Saúde Pública.
Luana Raposo de Melo Moraes Aps; Marco Aurélio Floriano Piantola; Sara Araujo Pereira; Julia Tavares de Castro; Fernanda Ayane de Oliveira Santos; Luís Carlos de Souza	2018	Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica.	Revisão.	A população bem informada quanto aos benefícios da vacinação e os profissionais da saúde devem assumir o papel de divulgar informações verídicas e com respaldo científico como compromisso ético e profissional junto à sociedade.	Revista de Saúde Pública.

Ferreira;					
Mayla Yara Porto.	2020	Uma revolta popular contra a vacinação.	Revisão.	Sem os necessários esclarecimentos à população, a campanha da vacina obrigatória canalizou um crescente descontentamento popular.	Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência.

Para um bom entendimento nos resultados citados, eles foram divididos em duas categorias temáticas: Fatores para a não adesão às vacinas e Fatores para a adesão às vacinas.

3. FATORES PARA A NÃO ADESÃO ÀS VACINAS

As notícias que circulam em mídias sociais influenciam muito na decisão em vacinar ou não vacinar. Grande parte dessas notícias não possuem embasamento científico algum. Tendo postagens, que podemos nomear como fake news, têm grande circulação e influência sobre a população que procura informações na internet, jornais e na TV.⁵

Não obstante, devido a diversos fatores como o nível cultural e econômico dos pais, causas relacionadas a crenças, superstições, mitos e credos religiosos, muitas crianças deixam de ser vacinadas.³

A falta de informações tem contribuído para a reemergência de doenças infecciosas em diversos países no mundo e põe em risco planos globais para a erradicação de doenças infecciosas. Logo, os movimentos antivacinas distorcem e divulgam fake news que alegam ter bases científicas para questionamentos da eficácia e segurança de várias vacinas.⁶

A falta de informações adequadas faz com que a população acredite em notícias falsas e assim aderirem aos movimentos contra a vacinação.⁷

O Movimento Antivacina é o grande responsável pela queda da adesão ao esquema vacinal, esse movimento é composto por pessoas que acreditam nos supostos efeitos colaterais que a imunização provoca.

A necessidade de informação é de grande validade para uma imunização contínua e segura,

visto que a ocorrência de eventos adversos vai muito além da sensibilidade e predisposição de cada indivíduo.¹³

Nota-se que a percepção de cuidado entre os adeptos à vacinação e os não adeptos são culturalmente diferentes. No entendimento dos não vacinados, a vacina passa a assumir significados de risco e ameaça à saúde. Para eles, o estilo de vida natural sem excessivas intervenções científico-tecnológicas é mais seguro que a exposição a agentes biológicos.⁹

O crescimento do Movimento Antivacina preocupa especialistas na área de saúde em todo o mundo.¹⁵

É preciso ter equipes de saúde devidamente capacitadas nos serviços de atenção primária à saúde para uma abordagem segura e rica em informações técnicas, capazes de levantar questionamentos em comportamentos anti vacinais.⁸

O que poderá mudar esse quadro que cresce a cada dia, são esclarecimentos fidedignos de possíveis reações às vacinas, mas que essas reações são menos constantes e maléficas do que o risco de contágio e o aumento da transmissibilidade das doenças que pode ser evitada com a adesão ao calendário vacina.¹⁰

4. FATORES PARA A ADESÃO ÀS VACINAS

Podemos observar que onde se estabelece a confiança na eficácia da vacina que previne o contágio de doenças que pode acometer principalmente a primeira infância podendo levar ao óbito ou a sequelas para toda vida.³

Se a população entender que as vacinas têm os benefícios de diminuir a possibilidade de contágio significativamente contra doenças infecto contagiosa, e que somente a vacinação é capaz de impedir o contágio, é demonstrada uma maior aceitabilidade pelos esquemas vacinais ao longo da vida e em todas as faixas etárias.¹¹

Podemos acompanhar o vacinômetro onde observamos a queda do COVID-19 após a vacinação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão a que se chega com esta revisão é que o engajamento dos profissionais da saúde com o Ministério da Saúde é de grande importância e adesão de toda comunidade em todas as faixas etárias às campanhas de vacinação. Não basta apenas ser uma imposição, a população deve ter

consciência de que a vacinação é de extrema importância para a Saúde Pública.

É preciso que as informações científicas cheguem em todos os níveis culturais, econômicos e demográficos com seriedade e sem qualquer distorção dos possíveis efeitos colaterais e da real eficácia que as vacinas têm, bem como os benefícios de uma saúde preventiva contra doenças infectocontagiosas que matam e podem deixar sérias sequelas irreversíveis ao longo da vida.

Com uma população devidamente esclarecida e consciente que a imunização é um ato de cuidado e a não adesão às vacinas é mais maléfica do que a adesão, iremos, portanto, combater as fake news e os impactos negativos que elas trazem proliferando falsas notícias, assim contribuindo para a crescente do Movimento Antivacina.

REFERÊNCIAS

1. Porto MY. Uma revolta popular contra a vacinação. Cienc Cult. 2003; 55(1): 53- 54.
2. Aps LRMM, Piantola MAF, Pereira AS, Castro JT, Santos FAO, Ferreira LCS. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. Rev Saude Publica. 2018; 52(40):1-13. Doi: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2018052000384>
3. Sousa CJ, Vigo ZL, Palmeira CS. Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil. Rev Enferm Contemp. 2012; 1(1):44-58. doi: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v1i1.39>
4. Pereira BFB, Martins MAS, Barbosa TLA, Silva CSO, Gomes LMX. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. Cien Saude Colet. 2013; 18(6): 1745-1752.
5. Pereira BFB, Martins MAS, Barbosa TLA, Silva CSO, Gomes LMX. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. Cien Saude Colet. 2013; 18(6): 1745-1752.
6. Francisco PMSB, Barros MBA, Cordeiro MRD. Vacinação contra influenza em idosos: prevalência, fatores associados e motivos da não-adesão em Campinas, São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública. 2011; 27(3):417-426. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000300003>
7. Ferreira SF. Crenças das mães em relação à vacinação. Rev Bras Enferm. 1984; 37(2):109-115. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671984000200005>
8. Gomes LMX, Antunes KR, Barbosa TLA, Silva CSO. Motivos que levaram os idosos a não se vacinarem contra a influenza sazonal. Rev Pesquisa Cuidado é Fundamental Online. 2012; 4(3):2561-2569.
9. Silva AAM, Gomes UA, Tonial SR, Silva RA. Cobertura vacinal e fatores de risco associados à não-vacinação em localidade urbana do nordeste brasileiro, 1994. Rev Saúde Pública. 1999;33(2):147-156. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101999000200006>
10. Moura RF, Andrade FB, Duarte YAO, Lebrão ML, Antunes JLFA. Fatores associados à adesão à vacinação anti-influenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública. 2015;31(10):2157- 2168. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00065414>
11. Santos LB, Barreto CCM, Silva FLS, Silva KCO. Percepção das mães quanto à importância da imunização infantil. Rev RENE. 2011; 12(3):621-626.
12. Santos ZMSA, Albuquerque VLM, Sampaio FHS. Vacinação – o que o usuário sabe? Rev Bras Promoç Saúde. 2005;18(1):24-30.

13. Santos PCF, Bohland AK, Paixão AC. Oportunidades perdidas de vacinação em hospital de referência pediátrica, em Aracaju (SE), Brasil. Rev de APS. 2009;12(1):29-38.
14. Barbieri CLA; Couto MT; Aith FMA. A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública. 2017; 33(2): e001733315. doi: 10.1590/0102- 311X00173315
15. Couto MT, Barbieri CLA. Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil. Ciênc Saúde Coletiva. 2015;20(1):105-114. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21952013>